

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS**

**ACADEMIA REAL MILITAR (1811)**

**CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Leonardo Serenato Klepa**

**COMO AS ANTIGAS PRÁTICAS DA CAVALARIA HIPOMÓVEL SÃO CULTUADAS  
COMO TRADIÇÕES NA CAVALARIA ATUAL PARA MANTER O CARÁTER  
CAVALARIANO**

**Resende**

**2019**



**APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS  
AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC)  
ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA  
E DA DOCTRINA NA AMAN**

**AMAN  
2019**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL**

**TÍTULO DO TRABALHO:**

**COMO AS ANTIGAS PRÁTICAS DA CAVALARIA HIPOMÓVEL SÃO CULTUADAS COMO  
TRADIÇÕES NA CAVALARIA ATUAL PARA MANTER O CARÁTER CAVALARIANO**

**AUTOR:**

**LEONARDO SERENATO KLEPA**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o (a) \_\_\_\_\_ a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

O (A) \_\_\_\_\_ poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino do (a)

Resende, 14 de OUTUBRO de 2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Cadete

**Leonardo Serenato Klepa**

**COMO AS ANTIGAS PRÁTICAS DA CAVALARIA HIPOMÓVEL SÃO CULTUADAS  
COMO TRADIÇÕES NA CAVALARIA ATUAL PARA MANTER O CARÁTER  
CAVALARIANO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Militares.

Orientador: Maj Felipe Vieira Leite

**Resende  
2019**

**Leonardo Serenato Klepa**

**COMO AS ANTIGAS PRÁTICAS DA CAVALARIA HIPOMÓVEL SÃO CULTUADAS  
COMO TRADIÇÕES NA CAVALARIA ATUAL PARA MANTER O CARÁTER  
CAVALARIANO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019:

Banca examinadora:

---

**Felipe Vieira Leite, Major**  
Orientador

**Resende**  
**2019**

## **Agradecimentos**

Ao Cap Cav Ferraz por ter, desde o início da minha formação nesta academia, me influenciado para ingressar na Arma de Osório, por sempre estar me indicando livros que contribuem com a compreensão do que é ser de Cavalaria e pelas grandes contribuições e sugestões despendidas neste trabalho.

Ao Maj Cav Felipe Leite por ter me orientado neste TCC.

*“Mas quando você tem ordem, você não precisa dos deuses. Quando tudo está bem ordenado e disciplinado, nada é inesperado. Se você entende tudo, não resta espaço para a magia. Só quando está perdido, apavorado e no escuro é que você chama os deuses.” (CORNWELL, 2002)*

## Resumo

# **COMO AS ANTIGAS PRÁTICAS DA CAVALARIA HIPOMÓVEL SÃO CULTUADAS COMO TRADIÇÕES NA CAVALARIA ATUAL PARA MANTER O CARÁTER CAVALARIANO**

AUTOR: Leonardo Serenato Klepa

ORIENTADOR: Maj Cav Felipe Vieira Leite

Apesar de que a sociedade brasileira está sofrendo com uma crise de valores, por que este fato pouco interfere a instituição do Exército Brasileiro? e como que, especificamente a Arma de Cavalaria consegue cultivar tradições milenares sem perder a sua essência mesmo com essa crise de valores?

Com objetivo de contribuir para o Projeto Raízes, Valores e Tradições do Exército Brasileiro, foi realizada uma pesquisa que busca as origens da Cavalaria e as influências que os integrantes dessa importante Arma do Exército receberam de seu Patrono. Tudo isso dentro de um contexto sociológico, delimitado pelo tema das Raízes e das Tradições.

No final do trabalho, o leitor compreenderá o motivo pelo qual as tradições dentro da Arma de Cavalaria são tão enraizadas e dificilmente se perderão com o decorrer dos anos porvindouros.

## **Abstract**

# **HOW THE ANCIENT PRACTICES OF THE CAVALRY ARE CULTURED AS TRADITIONS IN THE CURRENT CAVALRY TO MAINTAIN THE CAVALARIAN CHARACTER**

AUTHOR: Leonardo Serenato Klepa

ADVISOR: Maj Cav Felipe Vieira Leite

Despite the fact that Brazilian society is suffering from a crisis of values, why does this fact little interfere with the institution of the Brazilian Army? and how, specifically, the Cavalry Branch manages to cultivate millennial traditions without losing its essence even with this crisis of values?

In order to contribute to the Roots, Values and Traditions Project of the Brazilian Army, a research was carried out that looks for the origins of the Cavalry and the influences that the members of this important Army Branch received from their Patron. All of this within a sociological context, delimited by the theme of Roots and Traditions.

At the end of the work, the reader will understand why the traditions within the Cavalry Branch are so ingrained and will hardly be lost over the years to come.



## **Lista de abreviaturas e siglas**

AMAN	Academia das Agulhas Negras
EB	Exército Brasileiro
EME	Estado-Maior do Exército
NDACA	Normas para Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais
OM	Organização Militar
PRVT	Projeto Raízes, Valores e Tradições
RC	Regimento de Cavalaria
NIECE	Normas Internas para Elaboração do Conceito Escolar

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
1.1	OBJETIVOS GERAIS	10
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2	<b>REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	12
2.1	REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA	12
2.2	METODOLOGIA	13
3	<b>CAVALARIA AO LONGO DA HISTÓRIA</b>	14
3.1	CAVALARIA ÁRABE	14
3.1.1	<b>Características</b>	14
3.1.2	<b>A Tropa</b>	15
3.2	CAVALARIA DE GÊNGIS KHAN	16
3.2.1	<b>O Líder e sua Horda</b>	16
3.2.2	<b>A Máquina de Guerra</b>	17
3.3	ORIGENS GERMÂNICAS DA CAVALARIA OCIDENTAL	18
3.3.1	<b>O Ritual da Fúria <i>Berserker</i></b>	19
3.4	A CAVALARIA DA IDADE MÉDIA	20
3.4.1	<b>O Ritual de Iniciação Cavaleiresca</b>	22
4	<b>OSÓRIO, O LEGENDÁRIO</b>	25
4.1	O PERFIL PROFISSIOGRÁFICO DE OSÓRIO	25
4.1.1	<b>A Coragem</b>	26
4.1.2	<b>A Liderança</b>	26
4.1.3	<b>A Decisão</b>	27
4.1.4	<b>A Rusticidade</b>	28
5	<b>RITOS DE PASSAGEM</b>	29
6	<b>REFLEXOS NA CASERNA</b>	32
7	<b>CONCLUSÃO</b>	35
	<b>REFERÊNCIAS</b>	36

## 1 INTRODUÇÃO

O projeto em questão pertence à área de estudo de sociologia, na linha de pesquisa dos ritos e das tradições, especificamente sobre os ritos e tradições da Arma de Cavalaria. O trabalho buscou assimilar práticas da antiguidade, indo desde os povos bárbaros, até os tempos da cavalaria hipomóvel do Exército Brasileiro, com as atuais tradições cultuadas pela Cavalaria atual, dando ênfase na forma que elas são cultuadas no curso de formação de oficiais.

São muitos fatos e exemplos de ação de conduta que, ao longo da história, construíram o Espírito da Arma de Cavalaria, fazendo com que ela se mostre ímpar diante das demais hoje. Frases como "A Cavalaria não é melhor nem pior que as demais Armas, mas, com certeza, é diferente", é dita desde muito tempo pelos cadetes da Arma. Assim, o que a faz ser diferenciada é, de fato, a presença do cavalo, que foi por muito tempo o principal meio de ação da Arma - e mesmo hoje, com toda a modernização de sua plataforma de combate, ainda é cultuado como fonte de suas tradições, cuja narrativa é núcleo deste trabalho.

O Gen. Weygand disse, no prefácio da Edição Francesa, do livro *Sabre Au Poing*, do autor Marcel Dupont em 1937, que independentemente da evolução, haverá sempre uma Cavalaria, ou seja, sempre deve ter alguém mais rápido do que o conjunto do corpo de batalha, com a missão de reconhecer, manobrar, perseguir, e que, levada pelo cavalo ou pela máquina, encontrará o sucesso na audácia, na velocidade e na surpresa, alguém que ostente o "espírito cavaleiro" com tudo o que se encerra: "decisão", "lealdade", "elegância no uniforme" e no "caráter, "amor aos lances perigosos".

Porém, em contraste com a evolução material, como as virtudes cavalarianas ainda são transmitidas às gerações atuais, para que se obtenha a mesma audácia, coragem, arrojo e carga dos heróis do passado nos campos de batalha? Desta maneira, a proposta deste trabalho é demonstrar como, mesmo com a constante modernização de sua plataforma de combate e doutrina de emprego, a Arma de Cavalaria preserva suas características, mantendo intactas suas raízes, seus valores e suas tradições frente a inexorável corrosão promovida pela marcha do tempo.

### 1.1 OBJETIVOS GERAIS

Estudar os ritos e tradições que a Arma de Cavalaria cultua desde a

antiguidade, na Cavalaria Hipomóvel e se prolonga no espírito da Arma até os dias atuais.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar o que, na antiguidade, era uma atividade rotineira ou uma prática utilizada nas batalhas e hoje é expressado na forma de ritos reverenciado pelos cavalarianos. Analisar como as tradições da Arma de Cavalaria é transmitida pelos Cadetes da Arma, dentro da caserna.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1 REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA

Nos dias atuais a sociedade brasileira sofre com uma crise de valores. Há um constante desrespeito dentro a sociedade aos valores morais e éticos, a história e as tradições nacionais. Esses fatores, que são a base para a nobreza da nação, podem trazer reflexos para dentro da instituição.

Foi pensando em internalizar as raízes, os valores e as tradições que foi montada a Diretriz de Implantação do Projeto Raízes, Valores e Tradições (PRVT) do Exército Brasileiro, seguindo a Portaria nº 255, de 4 de julho de 2016 que tem por finalidade regulamentar essa implantação.

O trabalho em questão se situa dentro de um dos objetivos do PRVT, que seria sistematizar as raízes das tradições e internalizar essas informações nos integrantes do Exército Brasileiro nos diversos níveis de comando.

Da diversidade bibliográfica que foi buscada para montar este trabalho, destacam-se os livros do Coronel de Cavalaria Geraldo Lauro Marques, fez seu livro se dedicando totalmente em manter viva as tradições da Arma de Cavalaria, e do Antropólogo Celso Castro, que mesmo como civil, passou determinado período de tempo dentro da Academia Militar das Agulhas Negras tentando entender como funciona os rituais internos da instituição.

O autor deste trabalho efetuou a pesquisa preliminar para formar uma base dos conhecimentos para sua produção. Então as informações foram selecionadas e organizadas. A partir daí, foram distribuídas no trabalho de maneira que facilitasse o entendimento, além de se dedicado para manter uma linguagem clara e objetiva.

O resultado da pesquisa é discutido do capítulo 3 até o capítulo 5, onde são apresentados informações de como funcionava as tropas de Cavalaria em alguns povos que o autor julga ser de relevância para a atual, é tratado sobre a influência do patrono da Arma, foi abordado o tema dos ritos de passagem e uma explicação em como eles intervem na rotina das tropas do Exército Brasileiro e discutido por último como que os tópicos anteriores refletem na formação do cavalariano.

Por fim, é discutido no Capítulo 6, de que maneira esses assuntos refletem na

formação do cavalariano, mostrando como a história, o patrono e estudos sociológicos se relacionam com essa construção. Na conclusão é feito o fechamento dos resultados na pesquisa.

## 2.2 METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre ritos e tradições. Foram explorados uma gama de livros e sites relacionados ao tema. Foi feita uma busca dos estudos primários. De maneira combinada, o autor realizou a busca manual, procurando por livros, visitando sites e periódicos sobre o tópico pesquisado. Realizou também a busca automática utilizando palavras chaves no acervo da biblioteca digital do Exército e da biblioteca da AMAN. Foi feito, inclusive o *Snow-Balling*, quando foi utilizado as mesmas referências de trabalhos com o tema parecido com este.

Todas as informações que foram consideradas que poderiam fazer parte do estudo foram sendo anotadas ao longo do estudo. Foi um grande número de informações que mais tarde foram analisadas se possuíam qualidade para fazer parte do trabalho e as informações avaliadas como irrelevantes foram descartadas.

Uma vez extraídos os dados, foram sintetizados de maneira que se enquadrasse no problema acima citado. Para evitar que integrantes do Exército Brasileiro não possuam conhecimento sobre suas raízes e tradições, neste trabalho ainda sendo mais específico sobre a Arma de Cavalaria.

### 3 CAVALARIA AO LONGO DA HISTÓRIA

#### 3.1 CAVALARIA ÁRABE

No Mundo Árabe a Cavalaria tinha característica espiritual. Por esse motivo, ela possuía uma forte mística, assim como na Cavalaria Medieval. Neste sentido, surgiram na Idade Média tratados de Cavalaria Sufi (o Sufismo era uma corrente mística do Islã), que integrava costumes, tradições e práticas em um Código Cavaleiresco chamado *Futuwah*.

"[...] *Futuwah*, apresenta diversos comportamentos e atitudes que devem ser desenvolvidas na cavalaria espiritual, sendo a honra e a fidelidade valores que se encontram na cavalaria ocidental" (NUNES et al., 2014)

##### 3.1.1 Características

Em oposição à Cavalaria Ocidental, onde Ordens Monásticas oficiavam uma iniciação mística à vida guerreira, na tradição cavaleiresca árabe não existia uma Instituição iniciática oficial - e ainda sim o *Futuwah* influenciou literariamente o ocidente.

"O exemplo mais significativo da cavalaria árabe na literatura é o "Romance de Antar". Nele reflecte-se uma diversidade de tradições históricas sobre a Arábia antiga, escritas em prosa poética, misturada com alguns versos. Antar, o herói principal, foi um personagem histórico, guerreiro e poeta da época pré-islâmica que viveu por volta do século VI. Contudo, se a personagem é histórica, a sua vida surgiu envolta em lendas que exaltaram a figura do beduíno e do seu espírito cavaleiresco, aventureiro e amoroso." (NUNES et al., 2014)

Assim, as proezas do cavaleiro, o envolvimento e a paixão por uma mulher, a morte enaltecendo sua figura como herói defensor da sua tribo, fiel a seus princípios, presentes no "Romance de Antar", formam o modelo de cavaleiro do deserto.

Características como a fidelidade, lealdade, proeza e cortesia eram algumas das virtudes cultuadas. Complementadas por virtudes como a generosidade, a bravura e a defesa aos mais fracos, qualidades que evidentemente influenciaram a Cavalaria Medieval e perpetuam até hoje na Cavalaria Brasileira.

Na tradição cavaleiresca do mundo islâmico, não se pode ignorar a importância da mulher. Naquela tradição procurava-se a devoção à mulher, característica que, segundo Nunes et al. (2014), já se encontrava na literatura

pré-islâmica e teve grande influência na Cavalaria Ocidental, principalmente na figura do Amor Cortês e dos seus Trovadores, figuras presentes na mística do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, origem dos Romances de Cavalaria.

### 3.1.2 A Tropa

Os povos muçulmanos tinham a pretensão de retirar os infiéis de suas terras. Estabelecendo a Guerra Santa, usando como preceito a religião do profeta Maomé. Para isso, montaram um exército com diversidade de tropas, com uma boa cavalaria e grupamentos de arqueiros.

A tropa de cavalaria consistia de uma cavalaria ligeira armada com lanças, armaduras leves e com suas afiadas *cimitarras*, que eram as espadas de lâmina curva e fio duplo, típicas dos guerreiros árabes. Graças a alta mobilidade e flexibilidade desse tipo de tropa, que será observado também em outras tropas ao longo da história, como a cavalaria de Gêngis Khan, eles conseguiam atacar os flancos e a retaguarda de seus inimigos. Como exemplo, pode-se citar Leal (2017) quando comentou em seu texto que a melhor demonstração desse tipo de cavalaria aconteceu na Batalha de Jarmuque, em 636 d.C, na qual o comandante árabe, sabendo das habilidades da sua tropa, usou-a para virar o jogo em momentos críticos da batalha, aproveitando capacidades como o contato e rompimento do contato, a retirada e o contra-ataque através dos flancos e da retaguarda.

Causando o terror em seus inimigos devido à destreza no montar e no combater. "Durante séculos a Cavalaria Árabe foi temida pela eficácia em suas ações e o cavalo árabe reconhecido, até hoje, por suas qualidades excepcionais, como raça e por suas performances na arte da equitação." (MARQUES, 2003)

Devido à importância do cavalo, ao fato de serem exímios cavaleiros e que montavam excelentes animais, os árabes chegaram ao ponto de ser criar um gênero literário somente para tratar da equitação, o *Furûsiyya*. "As obras desse gênero englobam tudo o que diz respeito a equitação, as competências e conhecimentos equestres e também a cavalaria." (NUNES et al., 2014)

"Nesse sentido, foi marcante a influência da tradição cavaleiresca árabe que teve suas raízes na época pré-islâmica, estendendo-se rapidamente ao Ocidente através de rotas comerciais e das peregrinações aos locais sagrados, **contribuindo para a criação do mito ocidental da cavalaria profana e mística.**" (NUNES et al., 2014, grifo nosso)



## 3.2 CAVALARIA DE GÊNGIS KHAN

Os guerreiros mongóis eram uma tropa bem treinada, disciplinada, altamente brutal e eficaz. Foi graças a sua Cavalaria que o Exército Mongol conseguiu conquistar o segundo maior Império em extensão territorial e o maior Império em terras contíguas da história humana, "[...] conquistando em 25 anos o que civilizações inteiras, como a Pérsia e a república e o império Romano, juntos, não conseguiram em quase 1000 anos." (BEZERRA, 2013)

Devido às características do terreno de onde viviam, foram uma nação de cavaleiros. Tendo que lutar por muito tempo pela sua sobrevivência, se tornaram um povo vigoroso e calejado. Como disse Wilemberg (2018), sobreviviam tendo que deslocar-se continuamente através de desertos para encontrar melhores pastos para dar de comer a sua gente e a seu gado.

O Império Mongol prevaleceu durante o século XII e durante esse tempo, subordinou povos como os islâmicos e os turcos, tendo que desenvolver uma máquina de guerra sofisticada à época para conseguir conquistar seus objetivos.

### 3.2.1 O Líder e sua Horda

"A horda mongol, guiada pela flecha incansável de Gêngis Khan, arrebatou seus cavaleiros nômades da longínqua e esquecida Mongólia à Europa e ao Oriente Médio. Nascido como Temujim, foi nomeado Gêngis Khan ("Grande Líder") em 1194 ao unificar seu povo. Orgulhava-se de se vestir e viver como seus guerreiros." (BEZERRA, 2013)

Gêngis Khan (1162-1227), assim como muitos outros líderes da história cavalariana, viviam juntamente à sua tropa, valorizando a integração como fator de liderança.

"A interação é vital para que ocorra a liderança de um indivíduo em relação a um grupo. É o processo pelo qual informações, ideias, pensamentos, sentimentos e emoções tramitam entre os membros do grupo, permitindo a inter-relação entre eles." (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 2011)

As características da máquina de guerra mongol de Gêngis Khan tem íntima relação com o funcionamento da sociedade mongólica.

"Os mongóis eram povos fundamentalmente nômades, organizavam-se em clãs, chamados ulus, e viviam em tendas, denominadas *gher*. Vale destacar que o império mongol, em razão de sua característica nômade, não possuía organização estatal sofisticada." (FERNANDES, 2014)

Assim, o nomadismo fazia com que o cavalo fosse a base de sua sociedade, tendo aperfeiçoado uma raça específica de cavalo que se adequava às suas necessidades sociais. "[...] os mongóis aperfeiçoaram uma raça de “pônei duplo” que media cerca de 1 metro e 30 centímetros de altura [...]. Ele era forte e resistente o bastante para percorrer uma distância de mais de 40 quilômetros sem se cansar." (FERNANDES, 2014)

Em consequência de sua organização social baseada no cavalo, tanto as estratégias como as táticas, técnicas e procedimentos bélicos mongóis eram todos característicos de um tropa de cavalaria: violento e rápido, causando total devastação por onde passavam.

De acordo com Bezerra (2013) utilizavam o medo e o terror como arma e muitas vezes, antes do encontro com seus inimigos, a fama de serem guerreiros sanguinários e sem piedade já havia causado o pavor entre as fileiras inimigas, diminuindo a vontade dos seus oponentes de combater.

Entretanto, esse efeito psicológico escondia uma característica importante do mongóis: a humildade. Seus comandantes eram escolhidos de acordo com sua competência e lealdade perante os subordinados e superiores. Além disso, estavam dispostos a aprender com os povos contra os quais se deparavam nos campos de batalha, assimilando desde novas estratégias de guerra até o uso de novos equipamentos, passam pela absorção de técnicas de medicina e engenharia que lhes fossem úteis.

Essa característica permitiu que os mongóis se adaptassem aos novos terrenos e culturas a medida que expandiam seu Império, mantendo-se em constante movimento e sempre incrementando sua capacidade bélica, características típicas das tropas de cavalaria.

### **3.2.2 A Máquina de Guerra**

Na prática, a cavalaria mongol obedecia uma anatomia básica. Possuíam suas unidades, armamentos e equipamentos definidos e tinham uma formação principal de batalha.

A unidade básica era o *touman*, constituída de 10 mil cavaleiros, sendo eles arqueiros montados e cavalaria pesada. Cerca de 60% eram arqueiros que

tinham como missões patrulhar e reconhecer, emboscar, fustigar e bombardear o oponente com flechas para que, após sua ação, a cavalaria pesada terminasse de destruir o inimigo.

"Nas frentes de batalha tática e estratégica, os mongóis demonstravam um conhecimento dos princípios da velocidade, da dispersão e da concentração que nenhum outro exército jamais tivera." (GILBERT, 2005)

Segundo Fernandes (2014), os cavaleiros mongóis se serviam de dois ou três arcos, com três bolsas de flechas cada, além de uma espada como dotação individual. Porém, seu armamento variava em função do que iam assimilando durante os combates, não sendo incomum o uso simultâneo de malhas metálicas chinesas, elmos árabes e machados de guerra europeus, evidenciando a flexibilidade - tática e logística - da tropa mongol.

"Igualmente impressionante era seu domínio da logística. Sempre havia cavalos reservas, na grande maioria éguas, e o leite equino servia de sustento para os cavaleiros em muitas campanhas." (GILBERT, 2005)

Dessa forma, os *toumans*, progrediam em linha de batalha e normalmente investiam de maneira rápida e agressiva no epicentro do inimigo, podendo retroceder e mudar o foco do ataque de maneira flexível. Por fim:

"A cavalaria mongol obedecia também a uma estrutura em três colunas: à esquerda (*djunqar*), à direita (*baraghun*) e ao centro (*qoel*). Essa estrutura possibilitava um maior controle da mobilização das hordas de assalto contra os adversários. Gêngis Khan também possuía um amplo serviço de espionagem e propunha a delação a guerreiros do exército adversário para que dessem informações que auxiliassem a visão estratégica mongol." (FERNANDES, 2014)

A liderança como fator de combate, a grande flexibilidade tática e logística, além do movimento e da ação de choque, são características do Exército de Gêngis Khan fazem parte das raízes da Cavalaria Ocidental que, somada a outras influências, moldou o emprego da Cavalaria na história da Europa.

### 3.3 ORIGENS GERMÂNICAS DA CAVALARIA OCIDENTAL

De acordo com Velasco (2014), a Cavalaria Medieval na Europa nasceu da incorporação de guerreiros germânicos às fileiras do Exército Romano. De uma perspectiva mais ampla, toda grande mudança cultural é consequência do choque entre civilizações e a formação do Sistema Feudal na Europa não foi diferente - e aconteceu "à cavalo".

Das tribos que assediavam a fronteira norte do Império Romano, foram os

germânicos que tiveram a maior penetração. Trouxeram consigo, seus deuses e costumes, mas tiveram que se adaptar à ciência militar romana, muito mais sofisticada. Entretanto, algo do espírito germânico sobreviveu dentro das tropas Latinas: a fúria *berserker*.

Assim como mais tarde, na Idade Média ou nos povos árabes, as sociedades tinham como seus melhores guerreiros os cavaleiros, esses povos bárbaros tinham como melhores guerreiros os *berserkers*.

Diferente do *Futuwah* árabe, cuja iniciação à vida cavalheiresca ocorria internamente, em uma instância somente psicológica, os povos germânicos haviam sistematizado a formação de guerreiros ideais, à semelhança de Esparta, séculos antes.

"Alguns guerreiros selecionados viviam em pequenas comunidades, isoladas dos centros populacionais e lideradas por um sacerdote do culto a Odin/Woden/Wotan de acordo com a região [...]" (VELASCO, 2014). Eram essas pequenas "sociedades secretas" que davam a iniciação aos *berserkers*, assim como as Ordens de Cavalaria dariam a iniciação aos guerreiros santos na Idade Média, séculos mais tarde.

"Nas famílias da aristocracia germânica, havia uma tradição semelhante a dos oráculos na Grécia: quando a criança nascia, um sacerdote realizava um ritual através do qual seu destino podia ser vislumbrado. Podemos supor que para alguns pais dos bebês mais promissores era oferecido criá-los em uma comunidade "militar" deste tipo. Isso não aconteceria imediatamente, mas em uma idade posterior. Quando a idade chegava, o xamã correspondente seria apresentado em levar a criança para sua nova vida na floresta, onde ele iria aprender a adquirir os instintos do predador." (VELASCO, 2014)

A iniciação se dava através do culto a Odin. Mescla de Deus e patrono, que inspirava os guerreiros germânicos por possuir, ao mesmo tempo, força e sabedoria - do mesmo modo que Osório, inspira os cavalarianos brasileiros pelo seu modelo de conduta, considerado ideal. Assim, os *berserkers* eram então descritos como um grupo de guerreiros de elite que eram duramente treinados desde cedo e iniciados no culto a Odin.

### 3.3.1 O Ritual da Fúria *Berserker*

A partir do momento em que iniciavam seu treinamento, as crianças selecionadas recebiam um anel de ferro no pescoço, que só seria removido quando

matassem suas primeiras vítimas. “O tipo de instrução dada a eles não é completamente conhecido, mas basicamente seria uma espécie de acampamento militar e ascético no estilo espartano.” (VELASCO, 2014), lá eles aprendiam a lidar com armas, combate corpo a corpo e sobrevivência na natureza.

Nessa época de treinamento eles aprendiam também certas danças tribais com a finalidade de gerar altas quantidades de adrenalina como preparação para as batalhas. Graças ao rígido treinamento, iam construindo o corpo do guerreiro, adaptando-se à fadiga, a abstinência e ao tormento. Segundo Velasco (2014) eles ainda aprendiam uma técnica desconhecida de autocontrole, semelhantes às técnicas de yoga, para que pudessem voltar a calma após a intensa onda de adrenalina que tomava conta de seus corpos durante as batalhas.

Antes de se apresentarem ao combate, os *berserkers* entravam em um estado auto-induzido de transe, liberando toda adrenalina acumulada para seu sistema nervoso, parecendo então estar “possuídos”. Assim, ganhavam uma força sobre-humana e inexplicável, perdiam a sensação de dor ou de medo, iam para o combate sem armaduras e mesmo que recebessem um ferimento que tiraria qualquer pessoa normal de combate, simplesmente não se sentiam afetados. (VELASCO, 2014)

“Começava a espumar pela boca, grunhir, rugir e gritar como animais selvagens, a morder as bordas de seus escudos, golpear seus capacetes e seus escudos com suas armas e rasgar suas roupas, [...]. Era uma transformação iniciática em toda regra, e alguns viram nela a origem das lendas dos lobisomens.” (VELASCO, 2014)

Deste modo, no auge de sua fúria, os *berserkers* se arremetiam contra o exército inimigo, abrindo brechas, gerando baixas e causando pânico, como se um furacão tivesse atingido o campo de batalha. Essa é a tática que dá origem às futuras cargas de Cavalaria, cuja audácia, coragem e arrojo emulam a fúria *berserkers* dos guerreiros germânicos em carga.

Os *berserkers*, então, eram a elite dos guerreiros da época, mestres das lutas e da alquimia interior que tinham como ritual de iniciação um louvor a Odin completamente violento. (VELASCO, 2014)

### 3.4 A CAVALARIA DA IDADE MÉDIA

Embora a Cavalaria Ocidental, de maneira geral, tenha surgido da mescla entre os costumes bruscos germânicos, a conduta disciplinada romana e o idealismo

metafísico árabe, com o passar do tempo foi ganhando características próprias, florescendo junto com o desenvolvimento da sociedade medieval europeia. A transformação dos guerreiros bárbaros e pagãos em “cavaleiros santos” teve óbvia influência cristã, como ideal humano presente na elite nobre e guerreira da época.

“Ao ser sagrado Cavaleiro, ficava explícito que o novo Cavaleiro, estaria obrigado a manter a honra que a Ordem da Cavalaria lhe outorgava e a defendê-la em qualquer circunstância em que se tornasse necessária.” (MARQUES, 2003)

Assim, a Cavalaria Medieval - Ocidental - se consolida através das relações políticas durante o período feudal, como a principal força bélica utilizada pelos proprietários de terras, com a finalidade de se protegerem das (novas) invasões *Vikings* e de defenderem de si mesmos.

“A principal forma de combate na época consistia em reunir homens a cavalo, preparados e equipados para, em cargas de cavalaria, defender a comunidade e vencer fragorosamente os inimigos em comuns. Nascia, assim, uma nova Casta Guerreira: a do Cavaleiro que marcou a época pelo seu código de honra e valores éticos adotados por ela.” (MARQUES, 2003)

Conforme Velasco (2014) as culturas escandinava (das novas invasões *Vikings*) e latina (da herança grego-romana) começaram a se fundir quando o Rei Carlos III da França ofereceu o território mais a noroeste de França ao norueguês conhecido como Rollo, "o Conquistador", dando início ao mais profícuo assentamento nórdico no continente europeu, que posteriormente se transformou no ducado da Normandia (nord = norte ; man = homens). O objetivo dessa manobra era diminuir a pilhagem viking e transformar os próprios escandinavos em protetores do território francês.

A estratégia do Rei Carlos III obteve tanto êxito que, séculos depois, os Normandos - representando a França - conquistam a Inglaterra, trazendo consigo inúmeras inovações tecnológicas, como os grandes castelos de pedra protegidos por fossos com água e, principalmente, toda a mística guerreira *berserker*, agora cristianizada, através do Espírito da nova Cavalaria, imortalizada nas Lendas do Rei Arthur, dos Cavaleiros da Távola Redonda e da Busca pelo Graal. (VELASCO, 2014)

“Estes *vikings* da Normandia foram cristianizados, arraigaram na França e acabaram esquecendo suas raízes escandinavas. Sua expansão subsequente os levou para a Inglaterra, o Mediterrâneo, o sul da Itália (reino normando da Sicília) e até ao Oriente durante a era das cruzadas. Muitos normandos desempenharam um papel importante nas ordens de cavalaria.” (VELASCO, 2014)

Assim, os feitos dos cavaleiros medievais, proporcionaram grandes romances

épicos, onde as vitórias bélicas se misturavam com conquistas místicas, criando um ideal ético onde o cavaleiro. “[...] tinha que ser um valente, um homem corajoso, [...] combater pela justiça, pela religião, pela defesa dos fracos e oprimidos, pelas donzelas em perigo ou pela honra das mesmas.” (MARQUES, 2003). Apesar de toda a parte lírica, esses guerreiros muitas vezes tinham prazer pelo combate, mesmo não tendo os rituais em que conjuravam as forças sobrenaturais para ficarem possuídos pelo júbilo da batalha, como os *berserkers* o faziam.

Dessa maneira, por volta de 1000 d.C. a Cavalaria já era uma instituição. Nessa época, qualquer homem que fosse batizado poderia se tornar um cavaleiro, desde que fosse digno. Porém, como a formação desse tipo de guerreiro era dispendiosa - os gastos com equitação, caça, manejo e compra de armas eram altos - os cavaleiros pertenciam às classes sociais privilegiadas, geralmente nobres, colocando a Cavalaria, quase sempre, no centro político europeu. (MARQUES, 2003)

#### 3.4.1 O Ritual de Iniciação Cavalheiresca

Marques (2003) diz que a iniciação para se tornar um cavaleiro era feita entre 16 e 23 anos. Nesse período os jovens voluntários que almejavam as honrarias da Cavalaria - e tinham sido aceitos em alguma Ordem - eram chamados de “escudeiros” e recebiam um protetor, que já era um Cavaleiro. Realizavam tarefas que iam desde servir seu senhor à mesa, até cuidar de seu cavalo e suas armas e, em troca, eram ensinados na Arte da Guerra (à Cavalari).

Existia duas maneiras do escudeiro passar para a posição de cavaleiro: uma em tempo de paz e outra em tempo de guerra, com diferenças formais, porém com o mesmo significado profundo para quem era sagrado Cavaleiro. (MARQUES, 2003)

Nos tempos de paz, a sagração era sempre realizada junto com uma grande festa religiosa, como a Páscoa ou alguma celebração civil, como o nascimento ou casamento de um príncipe. (MARQUES, 2003)

“A cerimônia se iniciava pela benção das armas, que o padrinho entregava a seguir ao afiliado na seguinte ordem: primeiro a espada e as esporas, a seguir a cota de malha e o elmo, por fim a lança e o escudo.” (MARQUES, 2003)

“Eram espetáculos quase litúrgicos, tendo como cenário o pátio de um

castelo, o pórtico de uma igreja, uma praça pública.” (MARQUES, 2003). Os futuros cavaleiros faziam a confissão, recebiam a comunhão, seguia-se então um ritual formal de forma verbal em que no final o jovem, ajoelhado, era sagrado cavaleiro com o tocar em seus ombros com a espada.

Em seguida, escudeiro vestia o traje e pronunciava o juramento de que iria sempre respeitar as obrigações da Cavalaria. A cerimônia, então, terminava e seguia-se um banquete: desde suas origens, a Cavalaria sempre esteve associada aos festejos seja para comemorar vitórias militares ou simplesmente o júbilo de ser Cavaleiro. (MARQUES, 2003)

Por outro lado, em tempos de guerra, a sagração era mais simples. Poderia ser antes, durante ou logo após uma batalha e era a maneira mais enobrecedora de se tornar um cavaleiro. “O ritual era reduzido  sua expressão mais simples, em geral  entrega da espada e as batidas nos ombros, feitas pelo Rei ao **escudeiro ajoelhado** na relva do prado.” (MARQUES, 2003)

Porém, em ambos os casos, o Código de Honra que vinham aprendendo como escudeiros ganhavam valor jurídico - f de Ofício - no ato da Iniciação. Dessa forma, sua conduta não era determinada somente pela maneira de agir, mas também pela maneira de se portar internamente. Essa tica é resumida por Marques (2003) em três princípios:

- 1) *Fidelidade*  palavra dada e a lealdade perante todos;
- 2) *Generosidade*, proteção e assistência aos que dela precisavam;
- 3) *Obediência*  Igreja, defesa de seus ministros e suas propriedades, bem como ao senhor seu protetor.

Assim as virtudes do cavaleiro seriam:

“[...] a franqueza, a bondade e a nobreza de coração; a piedade e a temperana; a coragem e a força física; o desdém à fadiga, ao sofrimento e  morte; a consciência do seu valor; o orgulho de pertencer a uma linhagem, de ser leal a um senhor, de respeitar a fidelidade jurada.” (MARQUES, 2003)

Percebe-se, então, que a prática da Iniciação se perpetua desde Esparta-Roma, passando pelo Fúria *Berserker* até chegar na Cavalaria Medieval e que o



ideal de conduta, em tempos modernos, sobrevive dentro da Cavalaria, principalmente a brasileira, herdeira direta dos valores e tradições do medievo europeu.

## 4 OSÓRIO, O LEGENDÁRIO

Manuel Luís Osório é o maior símbolo da Cavalaria Brasileira. Devido aos seus feitos nos campos de batalha dos principais conflitos sul-americanos do final do século XIX, aliado à sua personalidade simples, rústica, audaz e cheia de iniciativa, Osório reflete o ideal de conduta esperado de todo Cavalariano Brasileiro.

Assim, de acordo com o Decreto nº 51.429, de 13 de Março de 1962 (DEC-51429-1962-03-13), que institui e homologa a escolha de Patronos do Exército, das Armas, dos Serviços e do Magistério Militar, Osório se tornou o Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro.

Porém, é no Perfil Profissiográfico do Oficial de Cavalaria, estabelecido pelo Estado-Maior do Exército (EME), que as características pessoais do Marquês do Herval se transformam em Código de Honra com valor jurídico-pedagógico.

### 4.1 O PERFIL PROFISSIOGRÁFICO DE OSÓRIO

A Separata ao Boletim do Exército nº 09, de 29 de fevereiro de 2008 (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2008) define o Perfil Profissiográfico do Oficial de Cavalaria, relacionando tarefas a serem realizadas, características dos equipamentos a serem utilizados e atributos pessoais necessários para desempenhar o Ofício.

Já a Separata ao Boletim do Exército nº 03, de 19 de janeiro de 2018 (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO, 2018) diz que tais atributos pessoais devem ser estimulados de acordo as Normas para o Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais (NDACA) e que são específicos para cada Arma, Quadro ou Serviço do Exército Brasileiro.

Assim, dentre todos os conteúdos atitudinais mencionados pela NDACA, quatro deles foram indicados, pelas Normas Internas para Elaboração do Conceito Escolar (NIECE), para balizar o comportamento dos Cavalarianos de hoje, baseado no modelo de conduta de Osório.

Da mesma maneira que a fidelidade, a generosidade e a obediência foram os princípios que resumiram o Código de Honra da Cavalaria Medieval, a coragem, a liderança, a decisão e a rusticidade são as atitudes que definem a conduta do profissional de Cavalaria Brasileira hoje.

#### 4.1.1 A Coragem

A NDACA define coragem como forma firme e destemida de agir, em qualquer situação. Capacidade de agir apesar do medo, do temor e da intimidação.

Esse seria o atributo mais fácil de identificar em Osório pois, durante sua vida, são inúmeros seus feitos em que demonstrou coragem, sempre arriscando sua vida de modo a cumprir a missão.

"Durante a guerra, tornou-se lendária a coragem de Osório, ao liderar cargas de cavalaria, ao colocar-se, seguidamente, ao alcance das balas inimigas e ao participar de combates corpo a corpo. Ele foi, sem dúvida, o oficial brasileiro mais admirado pela tropa aliada, cultivando excelentes relações com seus colegas argentinos, e respeitado também pelo inimigo." (DORATIOTO, 2002)

Para quem comanda é essencial saber conduzir seus subordinados com firmeza nas situações de perigo, enfrentando essas situações de risco com serenidade e audácia. Para o futuro Cavalariano, isso pode ser demonstrado quando supera, sem medo, as situações de perigo impostas durante o curso, que são os trabalhos a cavalo, o manejo de armas e as missões isoladas. Isso exige do Oficial de Cavalaria o arrojo e a coragem individual.

#### 4.1.2 A Liderança

"Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente!". Gen Osorio (1866, Passo da Pátria)

Essa foi a proclamação do General Osório à seus homens na Ordem do Dia, quando estavam no Passo da Pátria em 15 de abril de 1866. Mais tarde, na mesma noite começaram a embarcar as tropas brasileiras destinadas à operação da passagem do Paraguai.

Liderança é a capacidade de agir, orientar e propiciar modificações nas atitudes dos membros de um grupo, visando atingir os propósitos da instituição.

O Manual de Liderança C 20-10, em seu Capítulo 5, fala sobre as competências do líder militar, como a coragem - já citada - e a iniciativa, outra característica de Osório que se interpõe entre a coragem e a decisão.

"Na batalha do Passo do Rosário, Osório, ainda Alferes pertence ao 5º RC, faz parte da divisão do General Calado, a que fez sua retirada com um 'valor que parecia difícil de conceber'. Em dado momento, vendo que seu comandante ficara indeciso diante do inimigo, que acabava de ser repellido, depois de haver carregado, sem ter sabido tirar partido do seu êxito, não se conteve. Saiu de forma, foi até ele e disse:

- Não é conveniente atacá-lo?

- Vá para o seu lugar e espere ordens!

- Para fugir daqui a pouco, ninguém há de esperar ordens!... saiu murmurando.

E de fato, depois o inimigo tornou à carga e levou tudo por diante... Só se conseguiu manter o esquadrão a que Osório pertencia, o qual contra-atacou depois o inimigo pela retaguarda, salvando a situação." (MAGALHÃES, 1978)

No trecho acima pode-se visualizar que Osório, ainda Alferes, tinha a iniciativa como uma característica da sua personalidade. Já no trecho abaixo, é possível ver que ele utilizava sua coragem como uma competência para liderar seus homens.

"O Estado-Maior de Osório achou desnecessários seus riscos de vida nos ataques, em que partia na frente de todos. Osório assim justificou este seu comportamento: "Atuo assim para provar aos meus soldados que seu general é capaz de ir aonde ele os manda." (BENTO, 2008)

Um comandante, não importando de qual época ele seja, deve exercer sua liderança incentivando seus subordinados a fazer coisas que eles não fariam sozinhos, ou realizando as missões de forma ainda melhor do que já realizariam, concorrendo para a harmonia do grupo mantendo o controle sobre ele.

#### 4.1.3 A Decisão

"Decisão: optar pela alternativa que lhe pareça mais adequada, em tempo útil e com convicção." (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO, 2018)

A decisão foi um atributo que acompanhou toda a vida de Osório, pois, em função das características de emprego da Cavalaria, frequentemente se encontrava isolado do Escalão Superior.

Logo no início da Guerra da Tríplice Aliança, Osório recebeu a missão de organizar um Exército de Campanha isolado de apoio logístico, no meio da guerra. Para cumprir essa missão, teve que usar da capacidade de decisão e da iniciativa, pois não havia tempo para ficar recorrendo ao governo Imperial.

"No sul, o General Manuel Luís Osório foi nomeado comandante interino do Exército, função que assumiu em 1º de março, quando o efetivo era de 9.465 homens acampados próximos de Montevideú. [...] Cabia a Osório o

difícil encargo de organizar um exército de campanha em plena guerra, deslocado em relação aos centros de apoio logístico do Brasil, que o obrigou a tomar decisões firmes e enérgicas. Para prover suas tropas, Osório comprou em Montevideú tudo que lhe pareceu indispensável e urgente por iniciativa própria, sem aprovação prévia do governo imperial. Também criou um hospital militar na capital uruguaia e colocou em dia o pagamento dos soldos, atrasados em dois meses. Devido à sua ação decidida, dois meses após ter assumido o comando, Osório contava com 13.181 homens e a artilharia fora duplicada de doze para 24 canhões." (DORATIOTO, 2002)

#### 4.1.4 A Rusticidade

A rusticidade seria, de acordo com as NDACA, adaptar-se rapidamente a ambientes inóspitos, permeados de restrição e/ou privação, mantendo a eficiência.

Desde suas origens, o trato com o cavalo determinou que o modo de ser cavalariano seria rustico. Além disso, o Oficial de Cavalaria estará em diversas oportunidades diante de situações desfavoráveis e não poderá apresentar fraquezas físicas ou mazelas psicológicas.

Particularmente, Osório participou de inúmeras batalhas durante sua vida, encontrando-se diversas vezes em situações de restrição ou privação. Porém, em momento algum se deixou abater nos combates e manteve sempre sua eficiência ao liderar sua tropa.

"Apesar do cuidado e esforços que empregávamos para viver asseados e limpos, não havia soldado ou oficial que não fosse perseguido por bandos de "muquiranas", [...] É um inseto repulsivo e nojento, que ataca os soldados nas campanhas prolongadas, [...] o General Osório dizia, naquele seu tom conhecido de bom humor, que a "muquirana" era peça obrigatória do uniforme, e não se estimava quem não tivesse pelo menos uma dúzia delas." (CERQUEIRA, 1980)

## 5 RITOS DE PASSAGEM

Os ritos e rituais são diferentes conceitos, apesar de estarem relacionados. O rito pode ser atos que se repetam e formem uma cerimônia, seguindo alguns padrões e mantendo conhecimentos antigos dentro de um contexto. Já os rituais estão relacionados a uma rotina, seriam os atos que se praticam habitualmente em um processo contínuo de atividades, ou seja, está relacionado a maneira de agir.

"O rito é um conjunto de atividades organizadas e institucionalizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. É um ato que pode ser individual ou coletivo, mas que sempre, mesmo quando é bastante flexível para comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras." (GREGÓRIO, 2009)

Roberto DaMatta explica em seu livro "Carnavais, Malandros e Heróis" sobre os rituais:

"O clima do ritual é dado não por meio de *transformações essenciais* do mundo e das relações sociais, mas por meio de manipulações dos elementos e relações desse mundo. Os rituais seriam, pois, modos de salientar aspectos do mundo diário [...]" (DAMATTA, 1997)

Os ritos podem ser cerimônias e são feitos desde épocas antigas para formalizar a transição do indivíduo para sua nova função social. Assim, a iniciação na Cavalaria é classificada como um rito, especificamente um rito de passagem, pois envolve uma cerimônia onde o novo Cavalariano mostra, para si e para os outros, que sua função social mudou.

Dependendo da cultura em que se está inserido, os ritos de passagem podem assinalar o fim da infância e o início da vida adulta ou formalizar a formação de um novo guerreiro, simbolizando que este está pronto para as guerras futuras. Os ritos de passagem na Cavalaria significavam as duas coisas.

"Ritos de passagem são celebrações que marcam mudanças de status de uma pessoa no seio de sua comunidade. Esses ritos podem ter caráter social, comunitário ou religioso, e marcam momentos importantes na vida dos indivíduos. Os mais comuns são os ligados a nascimentos, mortes, casamentos e formaturas. Em nossa sociedade, os ritos ligados a nascimentos, mortes e casamentos são praticamente monopolizados pelas religiões. Já as formaturas não costumam ser, em si, religiosas, mas frequentemente têm importantes momentos religiosos." (PELLEGRINI, 2015)

Genep (2011) agrupou as sequências cerimoniais que acompanham as passagens de uma situação a outra. Assim ele dividiu os ritos de passagens em ritos de separação, que fala sobre os funerais, ritos de agregação, que diz a respeito dos

casamentos e ritos de margem, que desenvolve as iniciações.

O **rito de separação** é quando o indivíduo se desliga da sua comunidade. Para Gennep, "Os ritos de separação compreendem, em geral, todos aqueles nos quais se corta alguma coisa.", normalmente significa o fim da ignorância.

Por sua vez, **rito de margem**, segundo Gennep (2011) traduz-se no esgotamento do corpo e da mente do indivíduo para perder os vícios que adquiriu ao longo da vida e inserir nele novos valores de acordo com o que é esperado dele em sua comunidade. É nesse tipo de rito onde ocorrem as verdadeiras mudanças no caráter da pessoa.

Já o **rito de agregação** pode ser quando um indivíduo "nasce" para uma comunidade. Gennep cita como exemplo o casamento, significando que o casal formou uma nova família. Diz também que podem ser ritos de entrada na casa, no templo, etc.

"[...] todo judeu piedoso sempre que atravessa a porta principal de sua casa toca com o dedo da mão direita a mazuza, caixinha fixada no umbral da porta e onde se acha um papel, uma faixa de pano, etc., tendo escrito ou bordado o nome sagrado de Deus (Shaddai). Em seguida beija um dedo e diz: "O Senhor proteja tua saída e tua entrada, a partir desse momento e para sempre!", juntando neste caso o rito verbal ao rito manual." (GENNEP, 2011)

O importante nos ritos de agregação é o simbolismo que ele representa, sua natureza social.

Analisando a cultura germânica para formar um guerreiro *berserker*. Seria um rito de separação quando o jovem era selecionado como guerreiro, retirado de sua família e conduzido pelo xamã da sua tribo para a vida na floresta.

O rito de margem seria quando era colocado um anel de ferro nos seus pescoços, passando por todo tipo de treinamento no acampamento militar, onde aprendiam a combater com e sem armas, a sobreviver na natureza, a resistir à fadiga e a técnica para entrar em transe antes da batalha para liberar adrenalina.

A agregação acontecia a partir do momento em que era feito um culto a Odin e colocado um anel de ferro no pescoço para marcar os iniciantes. Esse anel só seria retirado quando matassem a primeira vítima e mais tarde era feito outro culto a

Odin para reinserir os guerreiros nas suas comunidades.

Da mesma forma que ocorria com esses guerreiros da antiguidade, essa sequência de ritos de passagem é verificada atualmente no processo de formação de jovens militares ocorre no Exército Brasileiro da atualidade.

Tanto nos Corpos de Tropa como nas Escolas de Formação, a separação da comunidade de origem evidencia-se nos períodos de internato, que mudam completamente a rotina do candidato.

Em seguida, é no Período Básico que as mudanças ocorrem com maior intensidade, com o típico esgotamento físico e mental que predispõe o bisonho - aquele que tem pouca experiência, treinamento ou habilidade em alguma ocupação, ou ofício - a introjetar as regras e os valores da Instituição.

Por fim, a agregação é o momento simbólico em que o jovem se torna militar. É feita uma formatura com a presença dos familiares, é prestado continência a bandeira, feito um juramento, um desfile, dentre outros simbolismos.

"Quando o cidadão se torna um militar, é necessário que, em uma cerimônia formal, com a presença de autoridades e familiares, vindo da rua, isto é, entrando literalmente em forma do lado de fora do quartel, este cidadão entre pelo portão de uma Organização Militar (OM) em trajes civis, quer dizer, "à paisana", e, no interior do aquartelamento, dirija-se ao alojamento, rapidamente vista sua farda e, já fardado, incorpore no dispositivo de toda a tropa da Organização Militar (OM) formada e participe de uma formatura militar para o comandante, quando canta o Hino Nacional, realiza diversos movimentos marciais de ordem unida e desfila em continência à mais alta autoridade juntamente com os militares antigos que já compunham aquela tropa." (SANTOS, 2018)

Sendo assim, o rito de passagem representa que o indivíduo não é mais o mesmo. Após a passagem ele faz parte de um novo grupo, com seu papel na sociedade diferente do que ele possuía antes.

Porém, é dentro das Organizações Militares e Cursos de Cavalaria que o Rito de Passagem resgata seu valor iniciático, tanto pelas fortes raízes e tradições da Arma, como pelos valores personificados pelo seu Patrono.



## 6 REFLEXOS NA CASERNA

A escolha da Arma, Quadro ou Serviço é um momento especial na vida do Oficial formado na Academia Militar das Agulhas Negras, na volta das férias do primeiro para o segundo ano, os Cadetes são reunidos no Anfiteatro General Médici para realizar a escolha da sua especialização. Por ordem de classificação, escolhem entre a Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações ou Material Bélico.

Ao escolher a especialização os Cadetes diminuem a distância que a hierarquia impõe sobre eles, como diz Castro (2004) "O ano passa a ser uma referência meramente cronológica. Um cadete é de Infantaria, Cavalaria ou outra Arma antes de ser do 2º, 3º ou 4º ano."

Para selecionar a Arma/Quadro/Serviço que irá trabalhar, o cadete deve considerar determinadas características de conduta e personalidade que a Arma exige e buscar a que possui maior semelhança com as dele mesmo. A conduta dos membros de uma determinada Arma irá definir as relações entre eles e em como eles irão reagir no combate, ou seja, o espírito da Arma.

"Os espírito das Armas compõem um sistema classificatório que estabelece uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes "missões" (isto é, tarefas) de cada Arma numa situação de combate - as "atividades-fim" - e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos na situação de não-combate, no cotidiano. As características exigidas no combate certamente correspondem a exigências táticas, práticas. Mas elas também são utilizadas para, numa outra ordem de realidade, produzir significação, cultura." (CASTRO, 2004)

Aos que escolhem a Arma de Cavalaria, passam por cerimônias informais e formais que caracterizam a nova fase da sua vida. Passam também por uma série de rituais no seu cotidiano que vão conformando o seu caráter cavalariano.

A primeira cerimônia que marca a chegada do novo cavalariano é o Cross do Picadeiro. Para essa atividade o novo integrante da Arma deve ser apadrinhado por um mais antigo e, após isso, todos seguem para o picadeiro onde realizam um circuito com diversos obstáculos - com um detalhe: o "cavalo" é o Cadete que acabou de entrar na arma.

"[...] No picadeiro é montado um circuito de obstáculos baixos, e cada cadete faz uma demonstração com o cavalo. O detalhe é que os "cavalos", no caso, são os cadetes do 2º ano. Com um aspirante nas costas, eles se arrastam em cima de estrume, comem uma porção de alfafa a cada obstáculo superado, provam ração para cavalos. O Cross é o batismo

tradicional da Cavalaria [...]" (CASTRO, 2004)

A figura do padrinho é significativa no decorrer de todo o ano de instrução, mas principalmente na época próxima da escolha da Arma. Pois é nesse momento que os novos cavalarianos precisam de mais orientação para entender como funciona as atividades do curso e como é o espírito da Cavalaria.

Após a cerimônia informal do Cross, segue uma formal. Esta é uma formatura que participam diversas autoridades, dentre elas, o Comandante da AMAN e o Comandante do Corpo de Cadetes, evidenciando a importância e seriedade desse Rito de Iniciação. É aqui que os padrinhos entregam a insígnia da Cavalaria para seus afilhados, colocarem em seus uniformes, formalizando a entrada Arma.

"Cada promoção ou cada mudança de situação, como a realização de um curso de formação, especialização ou extensão, exige um ritual de passagem sempre complexo na sua ritualística, que faz com que aquele militar seja verdadeiramente percebido como alguém diferente do que era ou como um profissional que tenha adquirido uma nova capacidade, ocupando uma nova situação qualificada pela aquisição de uma habilidade que não possuía." (SANTOS, 2018)

Semelhante aos escudeiros medievais, os novos cavalarianos passam por um período, hoje curto, de treinamento para provar seu valor. Uma vez comprovadas suas habilidades a cavalo, ao novo cavaleiro é autorizado o uso de esporas - que recebem de seus padrinhos - em suas botas. Esse rito chama-se Cross da Espora e é um dos mais marcantes na formação da Arma de Heróis.

"É tradição na Cavalaria que, ao novo cavaleiro não é permitido o uso de esporas, enquanto não for considerado com o adestramento suficiente para evitar machucar sua montaria ou acicatá-la desnecessariamente. É somente após alguns meses de instrução a cavalo, que as esporas lhe serão entregues, para que passe a ostentá-las a partir da cerimônia festiva e alegre. Para este evento ambicionado, deverá escolher um padrinho ou madrinha que as colocará, com suas próprias mãos, em suas botas." (MARQUES, 2003)

De acordo com Castro (2004), os membros da Arma devem apresentar, no cotidiano, características parecidas com as que serão exigidas numa situação de combate. É dentro dessa ideia que, no decorrer do ano de instrução, os cadetes encontram um universo propício a demonstrar os traços cavalarianos.

As atividades com o cavalo, que exigem uma maior agilidade de resposta, desenvolvem a coragem e a liderança. Ainda conforme Castro (2004) "[...] o uniforme é diferente do das outras Armas, com o uso de botas longas, esporas e pinguelim (um chicote pequeno)". Além disso, é uma tradição ocorrer diversas lutas - simulando batalhas campais, porém dentro dos alojamentos - com os cadetes

de Cavalaria dos outros anos, fortalecendo atributos de coragem e união e evocando, por vezes, a fúria *berserker* presente nas origens da Arma.

Em função das várias características que a Arma possui, como combater em longas distâncias e por consequência ter que tomar decisões sozinho, o Cavalariano deve possuir, portanto, bastante iniciativa, flexibilidade e liderança frente a seus subordinados. Essas são algumas das características herdadas do Patrono da Arma, Osório e que são desenvolvidas nas Escolas de Formação e propagadas no cotidiano do interior da caserna.

## 7 CONCLUSÃO

O estudo investigou a maneira que a cavalaria evoluiu. Isso devido ao Projeto Raízes, Valores e Tradições (PRVT), pois um cavalariano deve saber como sua Arma evoluiu, desde quando os povos escolheram o cavalo como uma plataforma de combate que desse vantagem sobre o inimigo, mas, principalmente, quando esse meio de combate começou a ser ritualizado. A partir de então, surgiram todas as tradições que encontramos até hoje.

Na época dos mongóis, o cavalo era muito mais tratado como um instrumento de guerra, mas, como pôde ser visto, ao longo da história, o animal foi passando a ser tratado como um amigo e, a partir desse fato, começaram a surgir rituais, a fazer parte da literatura, como foi observado na Cavalaria Árabe, e, então, surgiram ritos formais. Todos esses fatos se refletem de alguma maneira na Cavalaria do EB desde a época do patrono da Arma, Osório, até hoje.

Pode-se dizer que a maior influência da Cavalaria atual é a de Osório. Ele tinha internalizado muitas das características que foram citadas sobre a Cavalaria ao longo da história e conseguiu externa-las para seus subordinados, sendo reconhecido como o maior líder que o Exército já teve.

O estudo mostrou que, dentro do curso de formação de oficiais de Cavalaria, são avaliados aspectos como a coragem, liderança, decisão e rusticidade. Esses são atributos que foram exemplificados, pois Osório demonstrou todos eles em diversas batalhas e hoje são usados para moldar o caráter cavalariano.

Dentro de todo o esforço para que essa natureza cavalariana seja internalizada, são desenvolvidos inúmeros rituais, que acabam fazendo parte do cotidiano tanto de um Cadete quanto de um Oficial ou Praça.

Mesmo que a sociedade brasileira esteja passando por um período de perda de valores éticos e morais, isso não pode ter reflexos dentro da instituição e devido a este motivo surge a ampla importância em que os ritos e os rituais continuem sendo realizados durante a formação dos Oficiais, pois são eles que irão criar a personalidade do futuro líder de Cavalaria e este líder terá a responsabilidade, depois de formado, de criar essa personalidade em seus subordinados, mantendo, assim, o caráter da Arma, não importando o tipo de tropa que ele está inserido.

## Referências

- BENTO, C. M. **General Osório**: “O maior herói e líder popular brasileiro”. Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2008.
- BEZERRA, E. **A Horda Mongol de Gêngis Khan**. 2013. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/horda-exercito-mongol-gengis-khan/>. Acesso em: 21/05/2019.
- CASTRO, C. **O Espírito Militar**: Um antropólogo na caserna. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 182 p.
- CERQUEIRA, D. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- CORNWELL, B. **O inimigo de Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 518 p.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: Para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO. Separata ao Boletim do Exército no 3, de 19 de janeiro de 2018. **Aprova as Normas para Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais, (NDACA - EB60-N-05.013)**, Brasília, 2018.
- DORATIOTO, F. F. M. **Maldita guerra**: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Manual de Campanha C 20-10: Liderança Militar**. 2ª. ed. [S.l.], 2011.
- FERNANDES, C. **A máquina de guerra de Gêngis Khan**. 2014. Disponível em: <https://guerras.brasilecola.uol.com.br/idade-media/a-maquina-guerra-gengis-khan.htm>. Acesso em: 21/05/2019.
- GENNEP, A. van. **Os ritos de passagem**: Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GILBERT, A. **Enciclopédia das Guerras**: Conflitos Mundiais Através do Tempo. São Paulo: M. Books, 2005.
- GREGÓRIO, S. B. **O Rito**. 2009. Disponível em: <http://sbgfilosofia.blogspot.com/2009/06/o-ito.html>. Acesso em: 07/06/2019.
- LEAL, L. O. P. **A história da cavalaria e sua importância para o nascimento da veterinária militar**. 2017. Disponível em: <https://animalbusiness.com.br/medicina-veterinaria/veterinaria-militar/historia-da-cavalaria-e-sua-importancia-para-o-nascimento-da-veterinaria-militar/>. Acesso em: 22/05/2019.
- MAGALHÃES, J. B. **Osório**: Síntese de seu perfil histórico. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

MARQUES, G. L. **Era uma vez na Cavalaria**: Sempre a audácia, a coragem, o arrojo, a carga... 2ª. ed. Porto Alegre: Alcance, 2003. 368 p.

MINISTÉRIO DA DEFESA, 2008. **Aprova o Glossário de Termos e Expressões de Educação e de Cultura**, Brasília, 2008.

NUNES, N. M. L. et al. O mito da cavalaria na Idade Média e a tradição cavaleiresca dos árabes. In: ÉVORA, U. de (Ed.). **Representações do mito na História e na Literatura**. Braga: Universidade de Évora, 2014. v. 6, p. 163 – 173.

PELLEGRINI, L. **Ontem menino hoje homem. Os ritos de passagem mais estranhos do mundo**. 2015. Disponível em: [https://www.brasil247.com/pt/247/revista\\_oasis/195398/Ontem-menino-hoje-homem-Os-ritos-de-passage-mais-estranhos-do-mundo.htm](https://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/195398/Ontem-menino-hoje-homem-Os-ritos-de-passage-mais-estranhos-do-mundo.htm). Acesso em: 07/06/2019.

SANTOS, E. A. dos. **O carisma do comandante**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. 152 p.

VELASCO, E. **Soldados da besta: os berserkers e a expansão viking**. 2014. Disponível em: [https://legio-victrix.blogspot.com/2014/06/eduardo-velasco-soldados-da-besta-os\\_1.html](https://legio-victrix.blogspot.com/2014/06/eduardo-velasco-soldados-da-besta-os_1.html). Acesso em: 24/05/2019.

WILEMBERG. **Cavalaria Mongol**. 2018. Disponível em: <http://www.decavalaria.com/?p=88>. Acesso em: 21/05/2019.